

## BILINGUISSMO E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES: ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA DE DESCENDENTES DE JAPONESES RESIDENTES EM PELOTAS

VINICIUS BORGES DE ALMEIDA<sup>1</sup>; ISABELLA MOZZILLO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vinibalmeida@hotmail.com](mailto:vinibalmeida@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [isabellamozzillo@gmail.com](mailto:isabellamozzillo@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de discutir algumas políticas linguísticas adotadas por uma família de descendentes de japoneses residentes em Pelotas, Rio Grande do Sul. Será organizado desta forma: um panorama de aspectos da imigração japonesa no Brasil; o aporte teórico sobre o qual a investigação se baseia; e, por fim, uma proposta de análise dos dados obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas com a família.

Mil novecentos e oito é o ano de que se tem registro da primeira leva de imigrantes japoneses em direção ao Brasil. O navio, vindo da cidade de Kobe, trazia o total de 781 nipônicos, dentre os quais expressiva parcela seria responsável pelo trabalho em lavouras de café. Essa migração foi motivada sobretudo por questões de sobrevivência, já que no início do século XX o Japão passava por um período de escassez de alimentos e de ofertas de trabalho.

Moriwaki e Nakata (2008) relatam que “o imigrante, não acostumado ao contato com outros povos de hábitos e culturas diferentes, conscientizou-se de sua condição de japonês somente ao se distanciar da sua terra natal.” É interessante perceber que o processo de migração reflete bem o que diz José Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.” Para o caso do japonês, o “sair da ilha” pode ser visto metafórica e literalmente.

Atualmente, o Brasil é o país que abriga a maior população de descendentes de japoneses fora do Japão. Segundo dados do Ministério do Turismo e do Consulado Geral do Japão em São Paulo, o número estimado de cidadãos brasileiros com ascendência japonesa é de 1,5 milhão, predominantemente nas regiões sul e sudeste do país. A cidade de São Paulo, mais especificamente o Bairro Liberdade, é considerado o maior reduto de nipônicos fora do Japão. Também se destacam as cidades de Assaí e Londrina, no Paraná; Iotti, no Rio Grande do Sul; e Tomé-Açu, no Pará.

Já quanto a Pelotas, os descendentes de japoneses não são tão numerosos se comparados às outras cidades acima mencionadas. Não há, até o momento, o registro oficial do número de habitantes de ascendência japonesa no município.

Em 1963, o município passou a ter um acordo de cidade-irmã<sup>1</sup> com Suzu (珠洲市 – *Suzu shi*), no Japão, o que colocou Pelotas como primeiro município brasileiro a estabelecer irmandade com uma cidade japonesa. Há também na cidade a Associação Nipo-Brasileira de Pelotas (ペロタス日伯文化協会 – *Perotasu Nippaku Bunka Kyōkai*). Trata-se de uma associação comunitária, cujas

<sup>1</sup> As cidades-irmãs têm como objetivo criar relações e mecanismos protocolares, essencialmente em nível espacial, econômico e cultural. Para que a geminação de cidades ocorra, os dois municípios precisam ter características semelhantes, como número de habitantes, tamanho e setor econômico.

festividades e encontros contam com recursos dos próprios membros e servem para manter as tradições gastronômicas e culturais japonesas. Recentemente, em 2019, a Associação recebeu o título de Instituição Emérita outorgado pelo vereador Antonio Peres (PSB), em sessão solene na Câmara de Municipal quando das comemorações de 207 anos da cidade de Pelotas, o que indica a importância da instituição para o município.

A partir desse panorama histórico-cultural, esta pesquisa quer se aliar a outros trabalhos (NAWA, 1989; DE MELLO, 2001; BORGES, 2004) que investigaram fenômenos de Bilinguismo e Políticas Linguísticas adotadas por famílias em contexto de imigração.

Será levado em consideração que o Bilinguismo “constitui-se, em seu sentido lato, no uso alternado de duas ou mais línguas por parte de um mesmo indivíduo.” (MOZZILLO, 2001). Esse conceito engloba um arcabouço muito diverso de falantes que têm características próprias e que se utilizam das línguas em situações específicas. Por isso, esse fenômeno é observado em todas as classes sociais, em todas as faixas etárias e em todos os países, até naqueles em que se crê haver uma cultura monolíngue ou apenas uma língua considerada oficial.

Em se tratando de Políticas Linguísticas, Spolsky (2004 apud KING e LOGAN-TERRY, 2008) afirma que os estudos na área incluem, dentre outros aspectos, análises de crenças linguísticas ou ideologias (o que as pessoas acham sobre a língua); e práticas linguísticas (o que as pessoas fazem com a língua).

Dentre as ideologias sobre o bilinguismo em ambiente familiar, uma das mais comuns encontradas é a crença de que, se a criança for exposta a duas ou mais línguas, isso lhe causará confusão mental ou irá prejudicá-la posteriormente em período escolar. Embora já mostrado por De Houwer (2006) que a criança seja capaz desde tenra idade de acessar a melhor língua em dada situação comunicacional, essa crença ainda é muito presente, o que pode levar pais e professores a optarem pelo monolingüismo.

Esta pesquisa objetiva analisar comportamentos e atitudes de uma família de descendentes de japoneses residentes em Pelotas, Rio Grande do Sul. Trata-se de um recorte de artigo já publicado na revista Hon no Mushi (本の虫) da Universidade Federal do Amazonas (ALMEIDA e MOZZILLO, 2020).

## 2. METODOLOGIA

Os três informantes da mesma família foram selecionados por se encaixarem no perfil da pesquisa, isto é, são descendentes de japoneses e residem em Pelotas. Abaixo, as informações sobre eles, com nomes fictícios a fim de preservar-lhes a identidade:

1. Sandra, sexo feminino, trinta e oito anos, ensino médio completo, desempregada, *sansei* (a avó materna era japonesa). Natural de Belém-PA.
2. Michiro, sexo feminino, vinte anos, estudante universitária, *sansei* (os avós paternos são japoneses). Natural de Belém-PA.
3. Jedi, sexo masculino, dezoito anos, estudante universitário, *sansei* (os avós paternos são japoneses). Natural de Tochigi (Japão).

A família é também composta pelo marido de Sandra, que atualmente está no Japão, e Megumi, filha mais nova do casal, que não teve disponibilidade para participar da entrevista.

Aqui está parte do questionário utilizado:

1. Havia mais de uma língua na tua casa durante a tua infância? Quais? Por quê?

2. Consideras que essas línguas que te rodeavam na tua infância são tuas línguas maternas? Por quê?

3. Teu cônjuge e tu falam em que língua(s) entre si? É sempre a mesma? Em que circunstâncias?

4. É(são) a(s) mesma(s) usada(s) com os filhos?

Os excertos foram escolhidos conforme a ordem das perguntas da entrevista, o que não representa fielmente a ordem da gravação. A seguinte legenda será empregada: S para Sandra, M para Michiro, J para Jedi e E para o entrevistador.

A análise das entrevistas é de caráter interpretativo através de exame de duas vinhetas narrativas concretas dos próprios informantes.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira parte da análise será o relato de Sandra sobre suas memórias dos antepassados:

S: (...) lá em Belém, grande... Tomé-Açu... se você pesquisar, você vai ver. Tem muito japonês lá. (...) você vai lá e parece que tá no Japão mesmo lá. Muito japonês, muito, muito lá.

E: E entre eles, o que é que tu lembras?

S: Falam *nihongo* entre eles, falam *nihongo*.

E: E eles costumam assim, casar com pessoas da colônia?

S: Eles costumam manter a tradição...

E: São bem fechados ao externo...

S: Sim, (...) a minha vó, ela... o pai da minha mãe era brasileiro e a família da minha vó rejeitou ela, porque ela casou com um brasileiro. Então, quando a minha vó faleceu, a minha mãe e a minha tia foram pra um orfanato, porque a família... tio, irmão que tinha não quis... porque tinha mistura. Então, as minhas duas tias foram pro orfanato. Quando elas tavam maiorzinha, com 12 anos mais ou menos, esse tio foi pegar, mas pra ser empregada da casa dele, porque ele não considerava da família...

Esse primeiro relato de Sandra sobre sua família reforça a ideia de que os imigrantes japoneses, por quererem manter sua cultura e o *nihongo* (língua japonesa), preferiram se organizar em colônias rurais onde só houvesse relações entre eles. O contato e, logo, a miscigenação com os brasileiros eram passíveis de exclusão, preconceito, desprezo e violência. Consequentemente, esses fatos apontam para traumas expressivos nesses indivíduos, e podem levar a atitudes de rejeição.

Morando no Japão, depois de casar e dar à luz Michiro e Jedi, o ambiente familiar de Sandra alterou-se:

E: (...) Mas como tu (para Michiro), enfim, ainda criança na escola lá... em casa, que língua vocês falavam entre vocês?

M: Japonês com o papai...

S: E português, porque o nosso medo era de eles esquecerem a língua. O Jedi, o meu filho do meio, quando ele voltou pro Brasil, ele não falava mais português... ele entendia tudo, mas na hora de responder, ele respondia...

E: Entendi. Ela sabia com quem falar o quê. (...) Quer dizer, tu exigias que ela te respondesse em português?

S: E falasse comigo em português... é, ela numa boa. Ela tinha... já quando ela tava ficando grandinha, era automático... respondia em japonês e eu

“Como é mesmo em português?” Daí ela falava em português. Entender, os dois, ela e o Jedi, entendiam... (...) E ele entendia tudo o que eu falava, mas responder... ele só queria responder em japonês.

E: E aí tu não exigias?

S: E eu “Como é, Jedi? Como é em português?” E ele ficava assim, pensando... aí ela (Michiro) falava pra ele e eu “Não fala, Michiro... deixa ele falar.”

Nessa passagem, há o relato das diferenças em relação ao uso do português e do japonês dentro de casa. Sandra sempre exigia que o português fosse usado dentro de casa mesmo morando no Japão, o que favoreceu um ambiente bilíngue sem que uma língua se sobreponesse à outra.

#### 4. CONCLUSÕES

Este trabalho buscou construir um breve panorama do início da imigração japonesa no Brasil. Foi realizada uma entrevista com uma família de descendentes japoneses que residem no sul do Rio Grande do Sul a fim de compreender algumas crenças e políticas adotadas por eles em relação ao seu histórico social, cultural e, principalmente, linguístico. Assim, foi possível perceber uma atitude positiva perante o espaço da língua de imigração no ambiente familiar, tendo em vista a forte ligação que eles ainda mantêm com o Japão. Os dados indicaram um percurso linguístico bem diverso na família, mas vemos que todos eles são bilíngues em diferentes graus e níveis.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. B.; MOZZILLO, I. Ideologias, políticas familiares e bilínguismo: estudo de caso de uma família de descendentes de japoneses em Pelotas, Rio Grande do Sul. **Hon No Mushi - Estudos Multidisciplinares Japoneses** - Coletânea em Linguística Japonesa, v. 5, p. 103-117, 2020.

BORGES, P. R. S. Análise histórico-social-linguística de quatro famílias da comunidade pomerana da região de Pelotas/RS. Pelotas: **Caderno de Letras (UFPel)**, v. 1, n. 10, p. 191-211, 2004.

DE MELLO, H. A. B. Perfil sociolinguístico de uma comunidade bilíngue da zona rural de Goiás. **Linguagem & Ensino**, Vol. 4, Nº. 2, 2001.

DE HOUWER, A. Two or more languages in early childhood: some general points and some practical recommendations. **AILA News**. (The twice-yearly newsletter of the Association Internationale de Linguistique Appliquée) Vol. 1, Nº. 1, 1998.

KING, K. A.; LOGAN-TERRY, A. Additive bilingualism through family language policy: strategies, identities & intercultural outcomes. **Calidoscópio**. Vol 6, n. 1, jan/abr 2008.

MORIWAKI, Reishi e NAKATA, Michiyo. **História do ensino da língua japonesa no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

MOZZILLO DE MOURA, I. A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001.

NAWA, T. Bilinguismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. In: TARALLO, F. **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas. Pontes: 1989.